

AVANZADO

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA (S.P.C.)



“NÃO PASSARÃO!”

Não passarão! Não passarão! O fascismo não passará!

Madrid a heroica, Madrid la Roja não será tomada, ligan o que disserem os facinorosos do Tercio, os selvagens de Marrocos, gritem o que quiserem os históricos da Falange Espanhola, Madrid não cairá. Nas linhas de defesa da grande capital, na muralha heroica dos peitos dos seus habitantes, quebrar-se-ão as arremetidas dos generais marroquinos, dos nacionalistas que exprimem o seu amor à Espanha, aniquilando-lhe os habitantes e o que ela tem de riqueza.

O proletariado espanhol está escrevendo páginas imorredouras na história das lutas de libertação popular.

Contra um exército em pé de guerra, dotado do material mais moderno fornecido pela Alemanha e Itália, com todos os quadros do exército contra si — o proletariado espanhol achou-se, no dia a seguir à insurreição, reduzido aos seus recursos.

Em indústria nem comércio, sem o seu aparelho de Estado (os funcionários superiores desertavam e desorganizavam os serviços; sem material de guerra, o proletariado espanhol lançou-se à luta.

Os combates heroicos contra o quartel de La Montaña, a luta de Barcelona, os primeiros dias no Guadarrama — são datas em que a coragem do proletariado espanhol, a sua indomável energia era o único obstáculo à pavorosa marcha dos generais bandidos.

Dias terríveis em que os governos se sucediam, indecisos, sobre o modo do encaminhar da luta! Só as organizações proletárias puderam salvar a República da mais vergonhosa derrota.

Alição asturiana da unidade de derrota, resultados, ainda que incompletos. A propaganda activista e justa do Partido irmão, o glorioso Partido Comunista Espanhol, a Unidade triunfante das Juventudes socialistas e Comunistas Unificadas, a unificação das duas centrais sindicais U.G.T. e C.G.T.U., pela entrada desta na primeira, a acção desenvolvida no Partido Socialista pelo camarada Largo Caballero, a decidida orientação das camaradas da Confederação Nacional do Trabalho (anarco-sindicalista) para a unidade de acção foram as bases da luta. Sem elas tudo seria acabado em dois ou três dias.

Mas a unidade de acção nada é sem coordenação de acção, sem disciplina de acção. Contra um ini-

migo que ataca segundo os processos da guerra moderna, não se pode lutar com a coragem desordenada e impetuosa do valor pessoal. Contra um inimigo assim, só se pode lutar com comando centralizado, com disciplina férrea. A máquina monstruosa da guerra fascista tem de opor-se a máquina maravilhosa da defesa proletária, voluntariamente disciplinada. Tem de opor-se, também, um governo dirigente da actividade no plano nacional, em que participam todas as grandes correntes que entram na luta.

Inicialmente, porque não podiam abandonar os princípios que, durante tanto tempo, orientaram a sua acção, os nossos camaradas anarco-sindicalistas e anarquistas organizavam as suas colunas independentemente e não queriam participar no governo de verdadeira Frente Popular de Largo Caballero. Os motivos para isso apresentados eram honestos mas estavam fora das realidades. Os combatentes sofrendo a falta de material de guerra e a descoordenação de comando, eram obrigados a ceder posição atrás de posição. Até que chegou o inimigo próximo a Madrid. E realiza-se o milagre de abnegação proletária, a prova maravilhosa da compreensão do momento pelos nossos camaradas da Confederação Nacional do Trabalho. A realidade, a guerra civil (um dia de guerra civil ensina mais que um ano de vida normal — dizia Lênine) tinham posto à prova os métodos, haviam indicado processos e dado a sua lição. Pois bem. Eles, anarco-sindicalistas, participariam do Governo, ao lado dos seus irmãos socialistas e comunistas. No Estado, no Governo que luta pelo proletariado, pelos explorados, pelos pequenos produtores, contra o grande capitalismo, contra a pobreza e o militarismo — podiam eles tomar responsabilidades de poder. E, realmente, e com toda a energia das suas aspirações revolucionárias entraram no ministério da Frente Popular 4 anarco-sindicalistas.

A Espanha anti fascista salvar-se-á. Nada pode resistir à unidade do proletariado. Só a relativa desunidade em que vivia o proletariado espanhol é que explica, mesmo, o aparecimento da guerra civil.

Tivessem os Partidos Socialista e Comunista feito a sua unificação nas bases propostas por Dimitroff no VII Congresso da I.C., como queriam Largo Caballero e o Partido Comunista; tivesse-se feito a uni-

dade sindical pela fusão da UGT e CNT e o fascismo não teria podido romper. As suas arremetidas, levantar-se-ia, um, o poder proletário.

Não foi isso possível, mas alição houve.

Que todos os trabalhadores portugueses a meditem e que, em breve, não haja mais do que uma central sindical, uma Confederação Geral do Trabalho Unica em que se reúnam todos os trabalhadores que estejam dispostos a lutar contra a exploração patronal e o fascismo.

A unidade dos nossos camaradas espanhóis já deu os primeiros frutos: Madrid não caiu, embora ricamente, os logueiros e o número especial das «Novidades» o tivessem apregoado.

Madrid não cairá — digam o que

dissorem os adláteres perpétuos do banqueiro pela tomada da capital espanhola.

Os republicanos espanhóis unidos ao proletariado invencível, expulsarão da Espanha para todo o sempre, o inimigo, que é também o estrangeiro invasor.

Desolpem-se os generais, clamen, embora, os eliminados dos enble nas fascistas; contra o proletariado espanhol armado nada podem os seus impetuosos facinorosos. Não passarão! Não passarão! Não passarão!

Viva o Governo da Frente Popular Espanhola!

Viva a união dos socialistas, comunistas e anarquistas espanhóis!

Vivam as juventudes unificadas!

Viva o heróico Partido Comunista Espanhol!

Abaixo o governo assassino dos camponeses da Madeira!

Soubemos, há tempo, que na Madeira tinha havido uns tumultos, protestos dos camponeses, pequenos proprietários e produtores que as leis salazaristas exploravam e exploram em proveito.

Que não sabiam se era que neste momento em que tanto se esgañicam os defensores do NACIONALISMO português, uma linda ilha da terra portuguesa vivia num ambiente de luto e tragédia.

Uma entrevista fortuita com pessoa que nos merecia toda a confiança veio-nos revelar o horror em que se mantém a ilha da Madeira, colocada sob o terror de uma expedição de castigo a que não falta nenhum meio de ataque.

Os pequenos proprietários, os que deveriam ser as «células da nação», são quem sofre as torturas, as prisões, as deportações.

O fascismo é uma mobilização do grande capitalismo contra o proletariado e as classes médias.

Tudo em Portugal o mostrava. O caso da Madeira demonstra o, infelizmente, até ao excesso.

Ouçamos o nosso informador:

—Quais as causas da repressão na ilha?

—Em consequência das agitações populares motivadas pela aplicação do decreto sobre latifúndios que se assinalou com o ASSASSINATO DE 9 CAMPONESES e mais

duma dezena de feridos vítimas da polícia e força pública, foi ordenada uma violenta repressão pelo Governo que para ali enviou 3 vasos de guerra e com eles uma brigada da P.V.E. e vários agentes da vulgar P. de Informações. Desde então vive-se ali em pleno terror branco. As prisões, as torturas no antro onde se instalou a famigerada brigada, sucedem-se. Calculam-se para mais de 400 prisões, mantendo-se presentemente cerca de 200.

Mas as prisões não param mais. Continuam sempre e cada vez mais encarnicadamente. E' já um espectáculo habitual verem-se todos os dias pela manhã ou pela tarde, grupos de camponeses (homens, mulheres e crianças) 6 a 10 de cada vez, a caminho do cárcere, ladeados por fôças de soldados de baioneta calada prontos a fazer fôça.

—Então as prisões são feitas de dia?

—Não. O menor número de prisões é feito pela calada da noite. Requistam 4 a 6 camiões para o transporte de tropas e presos e em ar de campanha cercam uma povoação. Pelas duas ou três horas da madrugada assaltam de emboscada, tomam de surpresa as herdades e pobres cabanas de camponeses («vilões» como são designados os nativos camponeses) e lá va

Continua na 4.ª página

UMA CARTA NÓS, E OS CATÓLICOS

Os comícios anti-comunistas

Sob o título "Fortaleçamos o Partido, expulsando os provocadores" publicou o "Avante" um artigo em que ao mesmo tempo que se justificava essa palavra de ordem para a nossa organização, se transcreveram trechos duma circular dos nossos presos, apontando nomes de elementos de organizações revolucionárias que na polícia tinham denunciado camaradas.

Entre esses, citávamos Manuel João Palma Carlos.

A esse propósito escreveu-nos o camarada Sancho Silva, militante anti-fascista.

Os termos em que redigiu as suas duas cartas dispensavam-nos de responder, fazem que, mesmo respondendo, tenhamos de ser parcos em considerações para não estabelecermos polémicas sobre tão triste assunto.

Em poucas palavras declararemos a S. S. que não queremos expulsar do Partido M.J.P.C., porque não era seu membro. Muito menos o podíamos expulsar da outra organização revolucionária.

Só a leitura precipitada do "Avante" permite tal conclusão.

2.ª — Que não caluniámos porque os factos foram infelizmente assim.

3.ª — Que quanto a colegas denunciadas, d. v. procurar informações nas escolas onde andava M.J.P.C.

4.ª — Que foi indicada à polícia uma fotografia dum aluno da anti-fascistas a que foram estudantes.

5.ª — Que Palma Carlos não que escreve, cá para fora, não se justificou. Pelo contrário.

6.ª — Que quem escreveu o artigo no "Avante" não tem a menor inimizade pessoal a M.J.P.C.

Cremos ter respondido como devíamos às cartas do camarada Sancho Silva.

Evidentemente que só o fizemos por termos que é ineluctavelmente a não escrever-nos. Os termos em que se faz eco da terminologia trotsquista contra o nosso Partido dispensavam-nos do tanto.

Não vamos, agora, comentar o final da sua carta. Seria ridículo apegarmo-nos a essas virtudes como resposta ao ataque aos nossos "vilões". É impossível discutir o caso. Umas 5 mplex. perguntas:

1) Porque não apresenta uma crítica às directrizes de P?

2) Porque não manda informações e artigos para o "Avante"?

3) Porque não envia uma crítica a cada número do Avante, apontando os erros e indicando o que há a fazer?

4) Porque não aponta os erros que o P. cometeu e não reconhece?

5) Porque não pensa que o P. só se revigora DE DENTRO e não de fora com críticas tão fúteis como acares, as mais das vezes?

6) Porque não entra para o P. e não procura, num trabalho comunitário, a atitude de um indivíduo isolado?

7) Se não quer aderir ao P. é isto motivado por não aceitar os princípios e tática da Internacional Comunista?

O "Avante" não se deita fora depois de ler. Há tantos que o leriam, se o obtivessem!

A todos os trabalhadores católicos, a todos os anti-fascistas católicos!

CAMARADAS:

O Partido Comunista Português não pode mais consentir na especulação que à vossa volta fazem os beneficiários das vossas crenças. O P.C.P. que sabe os vossos sentimentos anti-fascistas e conhece a exploração que como todos os trabalhadores padecemos — não permitirá mais que trabalhadores sejam atirados contra trabalhadores, que anti-fascistas sejam apontados a anti-fascistas como feras que há a exterminar.

O P.C.P., ao dirigir-se-vos, não pretende chamar-vos ao comunismo nem quer discutir a essência das vossas crenças. Ainda que dispostos a dar-vos todos os esclarecimentos que desejardes sobre a nossa doutrina, ainda que dispostos a conversarmos fraternalmente convosco sobre todos os problemas e dúvidas que a nosso propósito possa estabelecer — achamos que não é esse o objectivo comum neste momento em que os grandes capitalistas, os assassinos dos anti-fascistas e os exploradores das vossas crenças preparam uma guerra originada, ao mesmo tempo que alijam a guerra criminosas e fratricida da Espanha.

Camaradas católicos! Olhai à vossa volta. Que vedes? "As Novidades", vosso órgão, cheias de palavras de ódio, de incitamento a uma guerra sem piedade. Contra quem? Contra os trabalhadores espanhóis. Contra todos os que querem que a Igreja seja em Espanha não proprietária, não industrial, não banqueiro, mas amparo moral e espiritual dos que nela confiam. Contra os católicos bascos que querem ser livres, que querem ser católicos mas entendem que religião é uma coisa e interesses capitalistas defendidos pela religião são outra.

Entretanto, esse jornal é o órgão central da Igreja Católica em Portugal.

Não fica por aqui a acção dos vendedores da vossa Fé.

Contra todos os preceitos religiosos, contra o respeito que deveriam a vossa fé, organizam-se com ícios em que os templos são guardia de acções políticas e leigos vão lá dentro arruçar contra o comunismo e contra tudo que eles enquetam tão fácil como criminosamente de comunista.

Ainda há pouco, na Igreja de S. Nicolau, Abel de Andrade, o reaccionário feroz, o professor duro, o capitalista que se lembra mais do

seu dinheiro que das necessidades dos seus irmãos de fé, arengou, sob os olhares oníplacentes do dirigente da Igreja Portuguesa.

As suas palavras foram mentirosas, servis e odientas.

Mentirosas — porque falseou a doutrina cristã demonstrando que a religião católica linha que vem a forma política do Estado.

Servis — porque fez a apologia do "Estado Corporativo" que indicou como expressão das doutrinas católicas.

Odentas — porque as suas palavras que deveriam ser de bondade, de piedade para os que julga desviados do Bem e da Verdade, foram de ódio e ataque aos trabalhadores espanhóis cuja chacinha pelos mouros (os inimigos da Fé de outrora. Que irritação!) aprovou.

Odentas ainda, porque incitou à matança dos anti-fascistas portugueses, quando disse: — "Senhor! Vós sois o Deus dos Exércitos. Desbaratá o Poder Sotânico de Moscovo!... Ouça-se sem detença a canora voz do Anjo do Apocalipse: "Mete a tua foice! E' CHEGADA A HORA DE CEIFAR: A SEARA ESTA MADURA".

Não conhecemos mais clara apologia do assassinio e da guerra civil, ainda que envolvidos na linguagem do pensador de Patmos.

Como não conhecemos mais impudente declaração de que a Igreja serve não interesses espirituais mas capitalistas, quando o mesmo Abel de Andrade propõe a criação de um organismo internacional destinado à guerra anti-soviética e à fratricida da guerra civil chefiada pelo próprio Papa!

E para que tire frouxidão aos mais recentes cita as palavras de S. João no Apocalipse XXI, 2: XIV, 13: "BEM AVENTURADOS OS MORTOS QUE MORREM NO SENHOR!".

Eis o que querem, prezados camaradas, os vossos mentores, os vossos dirigentes, os exploradores da vossa fé.

Para que isso não seja assim, para que irmãos não matem irmãos, para que a guerra (o maior crime) não exista, para que haja Justiça e não mortes, para que todos, fraternalmente floresçam na Paz — só há um meio: A união de TODOS os exploradores contra os exploradores, a acção de todos os anti-fascistas, crentes ou descrentes, em defesa dos interesses de todos os oprimidos.

TRIBUNA FEMININA

Na Fábrica de Conservas A "Lusitânia"

LISBOA — Os operários desta fábrica estão satisfeitos de mais miserável exploração: com salários de 11\$600 para os homens e 6\$200 para as mulheres. Chegam a trabalhar 14 e mais horas por dia, sem que tenham a hora extraordinária lhes seja paga.

A exploração feminina, ultrapassa todos os limites. Nesta fábrica, onde trabalham 200 operários, há apenas 12 homens para 188 mulheres. Isto indica que o trabalho feminino satisfaz como o masculino,

com a grande vantagem para o capitalista explorador, de custar metade do salário daquelas.

Mas há mais: as mulheres, na ocasião do parto, são convidadas a "repousar", sem o mínimo auxílio pecuniário. Além disso, homens e mulheres só trabalham quando há peixe, ficando todo o resto do tempo entregues à miséria e à fome.

Na Fábrica de Lampadas "Lumiar"

LISBOA — Também nesta fábrica a percentagem de operárias é superior: 60 mulheres para 35 ho-

Os comícios anti-comunistas e todas as barbaridades que os jornalistas burgueses têm atribuído aos comunistas com o manifesto intento de aterrorizar as massas, não são outra coisa senão um sintoma eloquente da agonia do capitalismo.

Vêde a desfaçatez destes farsantes ao afirmarem na comício BURGUES, realizado no Palácio, e no discurso de Antonio de Oliveira Leite, presidente do Sindicato Nacional dos Operários Conservadores do distrito do Porto, entre todas as mentiras a seguinte:

"Em Portugal há protecção ao trabalhador, há optimismo, há alegria, há esperança, há autoridade, beneficia e liberdades criadoras."

"Em Portugal, apesar de ser a padada de país fascista HA ATE LIBERDADE DE CIRCULAÇÃO DA IMPRENSA HOSTIL AO ESTADO NOVO."

Eis porque os comícios burgueses nunca podem debilitar a nossa doutrina, pelo contrário fortalecem-na, porque mostram a alguns trabalhadores — outros já o sabem — as bases sobre que assenta a sociedade burguesa: que são a mentira e a violência.

Em face da ferocidade e da arrogância do capitalismo, perante a angústia dos famintos que MORREM COMO ESCRAVOS E SE ENTUBERCULISAM, convém compenetrarmos da absoluta necessidade de o aniquilarmos, pois sabemos perfeitamente que, se se encontra bem encerrado no seu egoísmo estúpido e que só se preocupa com os lucros, que devem multiplicar-se constantemente, sem se importar em nada da saúde e da vida do trabalhador.

Tudo o que existe é nosso! Justamente porque, enquanto o capitalista, que nada faz, tem os cores a abarrotar de dinheiro e vive rodeado de tudo o conforto, vive no palácio e p. ssendo em l. uosuos auto móveis, nós, os trabalhadores, trabalhamos todos os dias até à velhice prematura sem encontrar regalias que não seja a de produzir o mais possível para ganhar um salário de fome que nos dá para fluidir o estômago e vivermos miseravelmente em espoluncas infectas, às vezes em companhia de nossas mães, irmãs e filhos.

Camaradas nunca vos esqueçais disso: A emancipação do trabalhador há-de ser obra do próprio trabalhador.

O momento não é para contemplos nem para hesitações.

A grande burguesia sagu-nos com prazer.

Despertem-se! Libertemo-nos dela, lutando por um governo do Frente Popular que nos dê Pão e Liberdade.

mes e ainda um jovem de 12 anos e outro de 15, cujas horas de trabalho são as mesmas dos adultos.

Aqui, a diferença do salário atingia proporções inacreditáveis: 18\$00 para os homens e 5\$00 para as mulheres. Os jovens, ganham 3\$00 e 4\$00 não havendo trabalho para ninguém a sábado.

Não há higiene e, para coroa, nesto obra de espantos: ex. o. gho, as operárias grav. d. em co. dições de não produzirem o tr. t. lio costumeado, SAO DESPEDIDA sem contemplações.

A URSS EM CONSTRUÇÃO

Desenvolvimento da indústria petrolífera na U.R.S.S.

Charles Baron, presidente da Comissão de Minas e da Força Motriz da Câmara dos Deputados Francesa, escreve o seguinte, na sua obra recentemente publicada sob o título «No País do ouro preto»:

«A produção da indústria petrolífera atingiu 9,2 milhões de toneladas em 1913, baixou a 3,8 milhões em 1920.

Desde 1921, cresceu progressivamente até se elevar a 22,8 milhões de toneladas em 1931 ou seja mais de 10% da indústria petrolífera mundial.

Baku e Grozny, fornecem respectivamente 91 e 7,6% da produção petrolífera soviética.

Em 1931, no território da União Soviética, 143 equipes consagraram-se a trabalhos de sol e estudos geológicos.

De 1924 a 1932, o número de metros perfurados anualmente passou de 33 mil para 135.400.

Quanto aos métodos de extração são exactamente os mesmos e nada diferem dos mais perfectos usados recentemente nos Estados Unidos da América.

Como se sabe, é indispensável prever a quantos metros se encontra um poço de nafta afin de o isolar e torná-lo utilizável.

Na URSS recorre-se a um engenhoso método eléctrico devido ao engenheiro Schlumberger. O número de metros perfurados electricamente é presentemente de 30 mil, isto é, 90% da produção extraída por este processo.

No que respecta à refinação, um esforço gigantesco foi feito na URSS: O aumento da capacidade das refinarias que passou de 2,8 milhões em 1920 para 21,5 milhões em 1932.

O presidente Baron, dá-nos uma imagem do progresso realizado pelos métodos de refinação dos petróleos russos, mostrando que de 1930 a 1931, a produção de óleo preciosa essencialmente na Rússia, passou de 1,66 a 2,6 milhões. Somente num ano ela duplicou.

Uma outra medida do potencial da indústria petrolífera na URSS, é representada pelos grandes condutores que medem para cima de cinco mil quilómetros.

O potencial das instalações está, actualmente, em relação com as reservas de petróleo no sub-solo da União.

Notas económicas da URSS

O índice geral de produção da grande indústria, passou de 100, em 1913, a 335 em 1932, 490 em 1934 e 570 em 1935 (excluído em rublos aos preços fixos de 1926-27) eusando assim uma progressão muito sensível e particularmente manifestada na indústria pesada. O plano foi executado na proporção de 101% ou seja um aumento de 2% em relação a 1934. Prevê-se para 1936

Cada leitor do «Avante!» deve arranjar outro leitor. Assim poderá viver o «Avante!» quinzenal.

um aumento de 32%, sobre o de 1935

Conclusões

Pelo estudo precedente, pode-se concluir que o AUMENTO DA PRODUÇÃO É ABSOLUTO; que a INDÚSTRIA PESADA MELHORA A PERFEIÇÃOANDO-SE, PRINCIPALMENTE NOS CAMINHOS DE FERRO.

A economia soviética TEM MELHORADO de ano para ano; o seu índice aumentou consideravelmente devido ao ESFORÇO ENORME E UNO DO BRSO POVO SOVIÉTICO.

Revue Economique Française (Société de Géographie Commerciale)

Estas palavras duma revista do Comércio francês (burguesa, portanto) provam a grandeza da construção socialista e a miséria das condições que a imprensa faz correr por Portugal.

A TERRA

O construtor da vida nova

Um «kolkoze» forma-se quando numa aldeia os camponeses decidem agrupar-se e empreender o trabalho colectivo, isto é, uma associação de camponeses para a cultura dum domínio cuja posse lhes é concedida pelo Estado.

O «kolkoze» é gerido por uma assembleia geral de todos os camponeses, mulheres e homens de idade superior a 16 anos.

A mesma elege um Conselho de Administração que conta 5 a 11 membros; segundo a importância do «kolkoze» e tomará conta dos negócios durante o intervalo da assembleia. Ela também nomeia um Comité de Revisão que faz um relatório sobre a gerência do Conselho de Administração.

A assembleia geral pronuncia-se sobre a admissão de novos membros. Cada kolkoziiano, quando é admitido, põe em comum os animais de tracção e as suas ferramentas, cuja avaliação é feita em dinheiro. A metade ou a quarta parte da importância é incorporada definitivamente nos fundos gerais do «kolkoze». O restante é creditado em conta individual do membro e ser-lhe-á entregue em dinheiro se um dia desejar sair.

É preciso notar bem que no «kolkoze», a propriedade individual é mantida até um certo ponto ao lado da propriedade colectiva. Há uma parte dos bens colectivos que compreende todos os animais de tracção, utensílios agrícolas (charruas, semeadores, etc.), as reservas de sementes, as forragens em quantidade necessária para a manutenção do gado colectivo, os alojamentos destinados à exploração em comum e as empresas de utilização de produtos agrícolas (adubos, coiros, etc.). Por outro lado, não entram na comunidade as casas de habitação, o

NO «PARAÍSO,, SALAZARISTA

O PESCADOR Na Foz de Varzim

UMA CARTA

De um grupo de trabalhadores recobemos a seguinte carta:

Camaradas do «Avante»!

A classe e piscatória é, sem dúvida, das mais exploradas em Portugal. Sofre simultaneamente a exploração do Estado e das empresas particulares.

Aqui, o pescador passa fome durante quase todo o ano. Para que se veja o quadro miserável da vida desta pobre gente, é necessário saber que nesta terra não há onde ganhar a vida senão no mar.

Em pleno inverno, o pescador parte numa fra, il embação, sujeito à fúria do mar e à mais negra fome.

Pois bem, ao fim da jornada, ou antes, ao fim duma semana de trabalho árduo e incessante, não chegam muitas vezes a ganhar 10.000 ou o máximo que podem obter, muito raramente, são 40.000 sem-não.

Acontece ainda que os pescadores têm necessidade de comprar o pouco que, por vezes, chega a um preço elevadíssimo e, quando vêm, o peixe que trazem não chega a cobrir a despesa doisco.

Sobre isto o Estado ainda vem cobrar 13% do produto do peixe, não se importando se o pescador não ganhou para oisco; trabalharriscou a vida e tem a família em casa a morrer de fome.

Há casas, melhor dizendo, antros, sem nem luz, onde não se come durante 3 dias, porque os homens, robustos e honestos, se recusam a pedir esmola, pretendendo apenas trabalho onde empreguem a sua actividade.

Desesperados com a miséria os pescadores sujeitam-se a pescar nas traineiras de Matosinhos, onde a exploração dos proprietários é miserável: os, pois da pesca, recebem imediatamente metade do lucro ficando que os pescadores obtiverem e o correspondente ao ganho de 3 pescadores.

gado lanífero, as aves pertencente a cada kolkoziiano e os alojamentos destinados ao respectivo gado.

Mas, como é o trabalho organizado? Os chefes de brigada repartem as tarefas para cada kolkoziiano, num certo número de dias. Um camponês corajoso, pode fazer a tarefa de dois dias num só e será por cons quência deviadamente retribuído.

O pagamento dos kolkoziianos faz-se em dinheiro e em géneros. Em 1934, háia 222.500 kolkozes na URSS.

O «kolkoze» é, no espírito das autoridades soviéticas, a expressão definitiva da cultura socialista? Não. A verdade é o seguinte: o «kolkoze» não é senão uma etapa para a organização mais colectiva a qual que é representada por uma outra forma de agrupamento agrícola: o SOVKOZE.

A terra já não é concedida a um grupo de camponeses. É o Estado que a explora directamente. O domínio camponês multi-se, desta forma, em fábrica, onde o trabalhador é semelhante ao operário das cidades, isto é, bem pago, bem alimentado e bem alojado.

Apele do fisco o português prelede a pagar a classe trabalhadora, talão-lhe diariamente em salários mínimos, horários de trabalho, contratos colectivos, etc. — toda a série de patranhas que nós bem conhecemos e de que só a miséria e nojenta burguesia é capaz — nós, que sofremos os horrores da sua criminosa actividade, não nos iludimos com a sua «bondade».

Conhecemos e apontamos, se preciso for, escritórios forenses, onde, a par de ordenados miseráveis, os empregados trabalham 12 horas e mais, sem tempo para comer; estando neste caso algumas agências marítimas, onde se chega a trabalhar 17, (dezassete) horas, sem qualquer remuneração mais; alguns escritórios comerciais onde se trabalha a porta fechada.

Mas isto não é nada, comparado com a exploração desenfreada que para aí vai!

Até na Câmara Municipal de Lisboa, ou seja o Estado fascista, se obrigam os empregados a fazer horas extraordinárias sem qualquer gratificação por isso!

Isto não pode, não deve e não há de continuar assim!

Estamos fartos de explorações! Pedimos a publicação no nosso quer do «Avante», do nosso mais «briço prosto» contra esta inclassificável exploração.

Saudamos, com efusão, o «Avante», porta-voz dos trabalhadores, em cujas fileiras nos encontramos e onde aguardamos, com ansiedade, a voz do combate.

Um grupo de trabalhadores.

Camaradas: Deveis indicar-nos com precisão os locais de trabalho em que se desrespeitam os horários legais e o moço concreto como isso é feito. Imediatamente, será conveniente reunir TODOS os trabalhadores que sofrem essa exploração e reclamar junto das autoridades competentes o cumprimento da lei.

Escreve-nos a tua vida, a exploração que sofres. Sem a tua colaboração, este jornal não pode ser teu.

A LUCHA DO FASCISMO

Prisões em massa

Na sua desorientação, na ansia de salvação de um naufrágio, a ditadura salazarista faz prisões por tudo e por nada. A simples discussão de questões espanholas, a afirmação de que as notícias dos jornais são falsas, basta para se fazerem prisões as centenas.

Há cerca dum mês, só pelo crime de serem favoráveis ao Governo de Madrid, foram presas 26 pessoas em Vila de Frades e mais de 20 em Beja, Moura, Serpa e Bealeição.

Também em Santiago do Cacém foram efectuadas 26 prisões de pessoas acusadas de comunismo. POR NÃO IREM A MISSA!



Onde param os presos anti-fascistas?

Foram deportados os presos, para o barco com eles. Nada se sabe. Para os Açores, para Cabo Verde, para Timor?

Nada se sabe. Um silêncio terrível sobre tudo isto. Não há uma carta, um bilhete. Nada diz onde estão os nossos camaradas, como se encontram de saúde.

Dos presos de Angra nada sabem as famílias, há mais de 3 meses. Que se passou?

Não contente em prendê-los, Salazar quer que as famílias sofram sobre a miséria, a tortura moral da incerteza. Ou não fosse a tortura moral, o espezinhamento, a que há de mais íntimo no indivíduo o método por excelência com que se compraz a sua alma fôrva de jesuíta.

Que será dos nossos camaradas? Que será feito de tantas centenas de anti-fascistas deportados sem julgamento nem culpa formada?

Que terá acontecido aos presos que já cumpriram a pena em que foram condenados há dois anos e mais?

Nada sabemos. Vivemos momentos horríveis em que ignoramos, até, se vivem os nossos camaradas queridos que foram não se sabe para onde.

UM DIA O PROLETARIADO EXIGIRÁ SEVERAS CONTAS E JULGARÁ SEM APELO.

Alerta...!

É o grito dos fascistas. Que significado tem este despertar espontâneo, como se acordassem de um sono pesado e longo?

Mostra bem que algo se tem feito para a revolução libertadora das classes oprimidas, embora mais se pudesse ter feito.

Um homem convicto não deixa de compreender que para a Revolução é preciso um longo trabalho de preparação que não pode ser feita sem propaganda intensa sob vários aspectos — mesmo com os poucos recursos de que se dispõe — se pode fazer mais e mais, tendo por especial objectivo levá-la junto dos camponeses, porque este sector não tem sido cuidado devidamente.

Camaradas, i máos! Que importa se os hipócritas policiais (traidores do povo) do governo salazaristas deturpam as mãos, que importa o exílio nesta hora em que se joga a mais decidida das batalhas, em que se põe em cheque a vida e a liberdade de um povo?

Camaradas! A luta. É preciso que cada um lute no seu íntimo, perante o que tem de mais sagrado, a libertação de todo o povo trabalhador, do trabalhador como heróico.

Que fazer, pois?

Primeiro ir junto dasse Povo onde se morre de fome porque o governo se apodera dos últimos centavos e o faz mendigar um pedaço de pão.

Camarada camadas? Não fazes tu pelos teus camaradas? Não dizes que querias combater? PELO A JUSTIÇA DO POVO OPRIMIDO e despojado dos seus direitos e liberdades?

Pois é chegada a hora de saíres

A baixo o governo assassino dos camponeses da Madeira!

(Continuação da 1.ª página)

caminho da cidade e do cárcere mais uma leva dumhas dezenas de prisioneiros do Estado Novo.

— Que forças realzamas r' sões?

— As prisões em Santa Cruz. Machico foram assim electradas senão a operação de guerra auxiliada pelo lado do mar por forças de esquadras? Embarcadas em lanchas apoiadas por um vaso de guerra que tomou posições em frente da baía e depois combater os prisioneiros até à prisão do Lazareto.

Só dessa vez vieram 62 incluindo 10 MULHERES COM CRIANÇAS PEQUENAS nos braços, e reflectido é que imprisionou profusamente a população.

Tiveram nos 2 DIAS SEM QUALQUER ALIMENTAÇÃO e só ao 3.º dia lhes atiraram, como se o fizessem a animais, um saco com pedacos de pão torrado que NÃO CHEGOU PARA METADE DOS FAMINTOS. Actualmente o regime alimentar dos encarcerados É MAIS HUMANO — 3 CALDOS E UM PAO PARA TODO O DIA.

— Como é essa prisão do Lazareto?

— A prisão do Lazareto tem qualquer coisa de ergástulo medieval: subterrânea, luz de ar escocado, por estrito f' freitas, exsaudando humidade por que fica à beira mar e abaixo do nível. Pavimento úmido sem divisórias, PRISIONEIROS NA MAIS SORDIDA PROMISCUIDADE, homens, mulheres e crianças em comum, dormindo em latas de madeira e todos utilizando a mesma r' trete. Dia e noite é guardado por forças de Caçadores 7. — Já acabaram as prisões?

— Não. Foram encarceradas mais 1.000 tirambas, porque da 7.ª Condição onde tem de ser feita a limpeza, ainda faltam alguns dos mais importantes, como seja o da Ribeira Brava.

da tua inulterância e combateres até ao exterminio completo do fascismo. Combates não só pelo povo para o tornar livre nos seus destinos, não só por toda a nação que asfixia num ambiente de terror e miséria, como, também, pela tua causa, pelos que te são mais queridos, pelos que mais amas, pelos teus amigos, pelos que gemem nas horridas cadeias e prisioneiros que nos estendem as mãos descaídas e pelo sofrimento, que nos implica no socorro.

Unamo-nos, pois, que unidos como um só homem seremos invencíveis e entremos na luta com o grito — TUDO PELO POVO E SO PELO POVO — e desbaralharemos o fascismo em todas as suas frentes, reduzindo essa canalha, importada da Itália, a cinzas.

Alerta camaradas!

Gritos bem alto: TUDO PELO POVO E SO PELO POVO!

Um anti-fascista

Está publicado o programa da Frente Popular. Cada célula do Partido, cada simpatisante, cada anti-fascista deve criar núcleos de anti-fascistas aderentes à Frente Popular.

Como consta que nesta vila estão dispostos a opor resistência, afirmando-se ali que preferem morrer resistindo à prisão, a ser com torturados e deportados, se p'venções nestes últimos dias têm sido rigorosíssimas e prevê-se mais mortandade de camponeses indelesos e tantos outros actos degradantes.

Razões de sobejo têm os vilões para temer a odiosa repressão dos carrascos da PVE, pois alguns dos poucos que foram restituídos à liberdade contam horrores da vida na cadeia e das torturas infligidas nos interrogatórios. Um camponês da Calheta depois de 16 dias de liberdade não pôde servir-se das mãos, lá foi o cure-o de palmatoadas que lhe aplicaram que quasi lhe trituraram os ossos e lhe deformaram os dedos.

— Que mais tem aterrorizado a população?

Evidentemente que as rituras. Vive-se nessa angústia permanente agravada com a continuação das prisões, sempre feitas de surpresa e com o carácter de terrorismo.

Sabe-se que o preso Luís Teixeira aplicaram na noite 50 palmatoadas, até as mãos espiraram sangue, para o obrigarem a confessar pretensas ligações comunistas. Pois na noite seguinte aplicaram-lhe mais 25. Têm as mãos inutilizadas.

A outro preso da nome Gardo, acusado de samaritarismo e homicídio, que há tempos em virtude do mar agitado, rebentou a amarras e veio danificar-se na praia, torturaram-no de tal modo em noites seguidas que na última recolheu à cela voitando gólfadas de sangue. Pretende-se com a confissão dele iliciar da responsabilidade, por de mazo, os oficiais aviadores.

Ainda a outro, de nome Pestano G. reez, depois de 3 dias algemado na cela e rigorosamente incomunicável em regime de fome torturaram-no em três madrugada sucessivas até o matarem. Na manhã seguinte apareceu suspenso na dobradeira duma porta da cela, para mascararem o caso como suicídio.

As torturas continuam todas as noites até às quatro horas da madrugada, pois é principalmente de noite que os interrogatórios se realizam.

Os agentes carrascos da P.V.E. são três e conhecidos por Monteiro, José Diogo e Rocha (ou Domingues) os as ards no do carrasco-mcapit' Pedreira.

São cerca de 500 os presos nesta ilha, os ale ao presente e mantêm-se cá em de 200 prisões, prestes, com as que p'ra breve se anunciarão na Ribeira Brava e noutras Condições, a atingir o milheiro.

— As forças de repressão têm suportado toda a infâmia em que são cúmplices?

— Nada lhe posso dizer senão que do aviso «Gonçalves Zarco» estão 4 marinheiros presos à ordem da Polícia Internacional de Lisboa.

Anteriormente foram presos no «Niassa» 2 guardas-marinhas a quem violaram correpondência, atribuindo-lhes ligações com a rebelião no Tejo. Actualmente estão prendendo elementos que participaram na revolução de 4 de Abril na Madeira, entre os quais o antigo tenente Cristóvão da Ascensão e

Outra infâmia salazarist!

Não, com eles em prender malhe o filho e o procurar em reduzir a loucura por um isolamento que não acaba mais, depois de a terem presa há uns poucos de meses em que a sua saúde se arruinou por completo, pois já teve várias hemiplégias — os esboços de Salazar acabam de apresentar acta de acusação em 12 de Maio de Manuel dos Santos, e vi a Mendonça, é acusada de «propaganda subversiva quer pertença ao Comité (4) ou células da P.J.C.P. ou Partido Comunista em que dessem penhou vários cargos» quer como participante na distribuição de jornais e manifestos, sua afiliação e em comícios relâmpagos.

A acusação seria de fazer rir a gargalhada se não estivesse a morrer lentamente, em virtude de uma pobre mulher, exemplo a to de amor maternal.

Uma pobre velhota distribuir manifestos, a fazer calagens e a participar em comícios relâmpagos! Os brutos acusadores leram isto na «Misa de Máximo Gorki».

Na sua me «ciência» f'ria não sabiam acusar e foram lá copiar. Inconscientemente, fizeram-lhe o maior elogio. Aquele modelo de Misa, a Misa do nosso heróico camarada Manuel dos Santos, só podia ter um vulto na literatura a que os subjuos policiais fossem buscar a acusação: Plague a má admiração de um grande revolucionário.

“Neutralidade”

Ordem n.º 534
Espanha
D namite
(Referência às ordens n.º 417, 418 e 508-936)

Para conhecimento de todo o pessoal dependente desta circunscrição aduaneira, se comunica que, por rota n.º 4094, proc. 11-936, liv. A, da 1.ª Repartição da Direcção Geral, foi informada esta Adm. da, TER SIDO AUTORIZADA, POR S. EX.ª O SUB-SECRETARIO DE ESTADO DAS FINANÇAS, A EXPORTAÇÃO para a zona de Espanha ocupada pelos nacionalistas, DE DINAMITE PARA FINS INDUSTRIAIS, por não estar o referido produto compreendido nas disposições do decreto n.º 26.935.

3.ª Secção
Proc. 12 Liv. D-40
Alfândega de Lisboa, em 28 de Outubro de 1936

O Sub-Director
a) Manuel Gonçalves Monteiro

Este documento arquivado na Alfândega de Lisboa prova que todas as demonstrações a miserável e hipócrita intervenção dos fascistas portugueses contra a Espanha Livre.

Amigo e o amigo ali se encontram Gonçalves.

Salazar, o s' nisto o fornecedor dos «arquinhos, o contrabandista do material sanitário que são expostos os, o carrasco de Badajoz, não pôdi sacrar-se com a guerra civil alheia.

Por isso se lança sobre os pobres camponeses da Ilha, quer não que eles morram de fome e de torturas mas não se revolte nem afirmem o seu direito de viver e fazer.

Camponeses de Portugal! Por aí e os olhos. Pequenos por p'prios e industriais!

Unamo-nos todos namí. Frente Popular vigorosa e venceremos!